

# A propósito de "Sinfonia da Guerra"

## Poema de António Ramos de Almeida

Não é por mero acaso que, em *Edições «Sol Nascente»*, aparece um livro de versos dum género que bem pode dizer-se inédito entre nós. *Sinfonia da Guerra* surge como a tradução dum primeiro equilíbrio, do começo de novas concepções artísticas que sucedem aos cânones ultrapassados dum subjectivismo fechado. É o coroamento duma evolução que, já há anos, se vinha sentindo entre os poetas novos inquietos que buscavam encontrar-se em caminhos já trilhados por outros. Não é que não houvesse uma intenção bem vinculada de realizar uma arte liberta: uma nova emoção tinha surgido mas ficara indefinida, porque os moldes anteriores, a forma que empregavam atraíam o conteúdo. E assim mesmo aquela poesia que expressava as emoções sentidas pelas massas, as vitórias e tragédias da vida colectiva, mercê dum simbolismo à margem do comum, duma linguagem cujas notas só era dado entender a iniciados, caía na mesma incompreensão da das *élites* fechadas em si próprias.

Como reacção contra este estado de coisas, houve—e continua havendo—poetas que buscaram a expressão duma poesia directa num absoluto desprendimento de ritmos e de formas e criaram assim um prosaísmo pretensamente poético (poético só no conteúdo) que afinal traduzia a sua impotência realizadora; conseguiram ao menos ser compreendidos pelo público para que escreviam, traduzir aquilo que pretendiam mas 90% dos leitores não consideram poesia essas produções. No entanto, há aí um ponto de partida útil e necessário mas de que é preciso fazer marcha atrás, para readquirir um equilíbrio superior, adequado à nossa época.

Ramos de Almeida, ainda há tempos a propósito dum anterior livro seu (*Sinal de Alar-me*) acolimado de poeta cerebral dominado por influências «quasi esmagadoras», soube buscar uma expressão cabal para o seu temperamento, por uma afirmação de personalidade. Não construiu negando mas antes edificando. E como?

Nos temas: o poeta deixou de falar-nos de si, dissolve-se nos seus versos e realiza; não se fica impotente a dizer-nos as suas perplexidades perante o próprio acto de construção e nem por isso é menos pessoal. As suas perplexidades são as perplexidades comuns ante o flagelo da guerra nos seus dramas brutais ou nos actos aparentemente mais simples—a notícia, os que partem e ficam, marinheiros e heróis das trincheiras, o hospital de sangue, massacres e bombardeamentos, um mundo em derrocada e um ambiente em que

«Todos olham, cheiram, respiram,  
Como no útero da mãe...»

Quanto à forma, também aí Ramos de Almeida procurou uma solução original. Aproveitou todo o potencial de expressão das experiências anteriores mas para o superar, numa síntese. De certo modo, reatou na tradição clássica nacional tantas vezes desprezada injustamente, em particular na tradição junqueiraiana mas soube também guardar algum enriquecimento real que nos veio trazer o modernismo subjectivista. Imagens vigorosas, um ritmo forte e maleável, uma terminologia adequada são elementos de que o Poeta sabe usar sem abusar. Pena é que, em certos pontos, a sua adjetivação roça pela retórica; contudo Ramos de Almeida nem sequer teme a retórica, quando ela vem revelar a

grandiosidade das tragédias que (é, por exemplo, o caso de «A derrocada da Catedral») dir-se-ia serem por si mesmas retóricas. E nem aí se revela qualquer panfletarismo, porque não há uma imposição de intensões exteriores à própria realidade do conteúdo; o Poeta antes procura aderir aos temas que apresenta. O que há é uma localização humana, uma convicção através de todo o poema de que os valores estéticos existem em função do homem *total* e que de forma alguma é este que deve estar-lhes escravizado.

Em *Sinfonia da Guerra*, R. de A. cantou a guerra e era um jovem como Rodrigo Soares (que nas colunas de «Sol Nascente», tam lucidamente a tem interpretado) que estava naturalmente indicado para prefaciar um livro como este. A obra dum artista que tam bem traduz a orientação dialéctica da evolução humana impunha-se uma integração igualmente dialéctica dentro do quadro da época em que vivemos. Foi isso que realizou, em breves traços, Rodrigo Soares.

Em *post-facio*, Joaquim Namorado pronuncia-se, de maneira justa e clara, acerca do preconceito literário segundo o qual a sinceridade do artista andaria principalmente ligada a certos preconceitos estéticos, reivindicando para os novos escritores a liberdade de expressão e adesão consciente aos temas que mais fundamentalmente os prendem—os problemas do homem de hoje.

Para finalizar, direi que tudo indica que *Sinfonia da Guerra* será um primeiro passo firme no caminho dum aperfeiçoamento e que as obras (que os «críticos» da juventude irónicamente reclamam) vão começando a aparecer...

C. RELVAS

—Reapareceu, com o n.º 8, relativo a Novembro de 1939, a revista brasileira de Letras, Artes e Ciências, *Esfera*—órgão de aproximação luso-brasileira cuja acção útil já se tem feito sentir no estreitamento de relações intelectuais entre os dois países.

«Esfera» transcreve do número 38 de «Sol Nascente» a crítica ao livro «Recordações do Minho Arcaico» por Abel Salazar, do nosso camarada Carlos Relvas.

Também A. C. S. num «Documentário Cultural Português» se refere à nossa revista nos seguintes termos: «Sol Nascente», em esplêndida forma, concretiza agora as tendências dialécticas da juventude portuguesa. Além dos artigos sobre «A Cultura e a Vida» de Rodrigo Soares, insere, nestes últimos números, artigos, notas, etc., nos quais se procura esclarecer o problema da cultura; depoimentos para um inquérito sobre o sentido da pintura, etc.

No número 37, o último publicado, lê-se longa prosa dedicada à resistência chinesa; como anteriormente o fizera com Romain Rolland, o cinema, a técnica, etc. Reconhecidamente agradecemos estas palavras publicadas além-Atlântico, que nos trazem a esperança de que *Sol Nascente* em breve desperte no Brasil o mesmo simpático acolhimento que entre nós tem encontrado as mais vivas publicações brasileiras.

—A casa Faber and Faber de Londres publicou o último trabalho de Ludwig Renn, intitulado «Warfare». Renn, escritor exilado alemão, autor de «Guerre», «Après Guerre» e «Avant l'Aube», dos quais o primeiro já foi traduzido para português, faz, neste trabalho agora publicado, a história completa da luta (warfare) em relação com a sociedade, até aos tempos actuais. Como é sabido, Renn foi oficial do exército alemão durante a Grande Guerra e combateu recentemente na Brigada Internacional em Espanha. Trata como perito—a pesar do seu livro ser destinado a leigos—a estratégia, tática e armas da guerra. A sua principal tese é que a luta não é distinta das actividades normais do homem mas sim que faz parte do fluxo do seu desenvolvimento social. Afirma que todas as transformações revolucionárias que se têm dado na luta são condicionadas por esse desenvolvimento e apresenta provas tiradas do nosso tempo. (8 s. 6 d.)

—«Science and everyday life» é o título da última obra do biólogo J. B. S. Haldane. (Lawrence and Wishart—5/-)

—A livraria Macmillan editou «Democracy, Today and Tomorrow» cujo autor é o antigo presidente da Checoslováquia—Eduardo Benés. (Prago—8/6)

—Da crítica que Jacques Salomon faz na revista «La Pensée» ao livro de Marcel Boll: *Les quatre faces de la physique*, explicações concretas, extraímos as seguintes palavras:—Não basta falar muito em racionalismo. Para o servir é necessário, antes de tudo, respeitar a ciência, e não a apresentar sob uma forma que nada tem de científica. Mas aqui, a estreiteza positivista do autor junta-se à sua incompetência científica.

—«The Wall» é o título duma descrição da vida na Alemanha Nazi, feita por Anna Reiner. A edição original, em alemão, teve grande sucesso quando foi publicada em Amsterdã, com o título de «Manja». (Secker e Warburg)

E S F E R A

REVISTA DE LETRAS,  
ARTES E CIÊNCIAS

Edições ELP

RIO DE JANEIRO